

ACONSELHAMENTO CRISTÃO EM PERSPECTIVA: UMA APRESENTAÇÃO DOS CINCO PRINCIPAIS PONTOS DE VISTA

*Jônatas Abdias de Macedo**

RESUMO

O campo do Aconselhamento Cristão, como as demais áreas da teologia cristã, não é monolítico. Nos últimos anos este campo vem sofrendo profundas modificações e ampliações, mas muito da discussão acerca da área não tem chegado no Brasil de modo claro, ainda que as recentes publicações na área tenham acabado por apresentar seus protagonistas. O presente artigo, portanto, pretende apresentar ao leitor, de forma organizada e paulatina, a discussão em tela, de modo que as perspectivas vigentes e mais bem elaboradas, do ponto de vista acadêmico e técnico, sejam primeiramente conhecidas, e posteriormente avaliadas. O objetivo é contribuir para que potenciais confusões sejam evitadas e algum proveito se derive do diálogo ensejado. Espera-se também que uma avaliação do quadro geral, que é necessária, mas que se torna possível tão somente após conhecer-se os principais elementos distintivos de cada perspectiva, conduza a um ambiente favorável à apresentação de uma nova perspectiva, com suas potenciais contribuições para a área, a saber, o Aconselhamento Redentivo.

PALAVRAS-CHAVE

Aconselhamento bíblico; Aconselhamento cristão; Integracionismo; Psicologia cristã; Aconselhamento redentivo; Perspectivas; Abordagens.

* O autor é ministro presbiteriano, graduado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição (2003), mestre em Teologia Pastoral pelo CPAJ (2009) e doutor em Teologia Prática pela North-West University, África do Sul (2018). É pastor auxiliar na Igreja Presbiteriana Paulistana, professor de Aconselhamento Bíblico no Seminário JMC e Capelão da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

INTRODUÇÃO

Quando falamos em Aconselhamento Cristão, a depender da perspectiva a partir da qual se encara, podemos não estar falando da mesma coisa. Para muitos, por exemplo, a expressão “Aconselhamento Bíblico” é um termo equivalente a “Aconselhamento Cristão”. Para outros, é o nome de uma escola cujo modelo é tão distinto que a mera confusão é ofensiva.¹ Se para uns “Integracionismo” é um termo anátema, para outros é uma postura não só coerente, mas que faz justiça à própria história do cristianismo. Entretanto, apesar de aparentemente desconhecidas, estas e outras visões apresentadas neste artigo já estão presentes no Brasil, nem sempre por reconhecida percepção, mas notadamente pelas mais recentes publicações no campo.²

O leitor brasileiro deve ter sua visão ampliada, portanto, para que nossa discussão alcance tanto a profundidade quanto a complexidade que este campo enseja hodiernamente. Uma abordagem ingênua da matéria não somente pode, como de fato tem trazido muita confusão, acirrado ânimos e espalhado forças que poderiam estar construindo, juntas, conhecimento útil para o reino e glória de Deus. Acreditamos que o estímulo ao diálogo seja potencialmente produtivo, se não no sentido de acalmar ânimos, ao menos no sentido de afinar e aperfeiçoar apologeticamente os argumentos em favor de uma ou outra perspectiva. Em virtude disso, se faz mister que as diferentes visões sejam formalmente apresentadas ao público brasileiro, e em parte a isso se presta o presente artigo.

Tal se faz necessário porque o aconselhamento é uma área que oferece grandes oportunidades de ajuda ao próximo, ao passo que tem igualmente oferecido grandes desafios. Portanto, a apresentação que se seguirá neste artigo tem também por objetivo providenciar solo seguro sobre o qual apresentar futuras avaliações sobre o tema, procurando contribuir para evitar potenciais problemas que uma possível visão difusa possa acarretar. Dentre esses problemas podemos listar a confusão que um conselheiro cristão ou estudante de aconselhamento pode encarar ao se deparar com opções múltiplas e conflitantes, visto que, sem o devido discernimento, elas lhes pareçam num primeiro momento ou opções plenamente viáveis ou totalmente descartáveis. Há também que se evitar perigos subsequentes para aqueles que adotam uma cosmovisão cristã reformada, como a possibilidade de adoção de uma visão conflitante

¹ De fato, até os anos 90 Aconselhamento Bíblico e Aconselhamento Cristão eram expressões usadas para designar posições diametralmente opostas. O Aconselhamento Cristão, como movimento, procurava integrar de alguma forma a psicologia com o cristianismo, enquanto que o Aconselhamento Bíblico rejeitava qualquer empreendimento nessa direção. Cf. MARRS, Rick R. Christian counseling: the past generation and the state of the field. *Concordia Journal*, v. 40, n. 1, 2014, p. 33.

² Alguns exemplos são: TRIPP, Paul David. *Instrumentos nas mãos do Redentor*. São Paulo: Nutra, 2009; JEEVES, Malcom. *Mentes, cérebros, almas e deuses*. Viçosa, MG: Ultimato, 2013; OUWENEEL, Willem. *Coração e alma: Uma perspectiva cristã da psicologia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

sobre o Aconselhamento Cristão que não reflita ou até mesmo milite contra essa cosmovisão.

Antes de prosseguir, porém, é importante salientar pelo menos três coisas. Em primeiro lugar, que não é o propósito do presente artigo identificar nem avaliar todas as propostas de Aconselhamento Cristão existentes. Conforme percebido por Callahan,³ as diferentes perspectivas existentes no campo do Aconselhamento Cristão podem variar – como de fato têm variado grandemente – através das diferentes tradições cristãs, até como resultado dessas mesmas tradições. As opções listadas aqui, portanto, se restringem àquelas que tem pretendido de alguma forma se alinhar com os princípios teológicos da fé cristã reformada. Reconhecemos, porém, o caráter dinâmico e não monolítico de cada uma delas (como alertaram Greggo e Sisemore⁴), e, desta forma, envidaremos esforços procurando não fazer uma caricatura de nenhuma das perspectivas aqui apresentadas.

Em segundo lugar e em virtude do que foi dito, reconhecemos também que há outras maneiras de organizar as perspectivas apresentadas aqui, como fez, por exemplo, McMinn.⁵ Ainda que reconheçamos que sua proposta não seja necessariamente organizar uma lista das diferentes visões, numa comparação se notaria que algumas visões de sua coleção estão ausentes aqui, pelas razões que apontaremos a seguir.

Em terceiro lugar, a redução para as cinco principais perspectivas não foi uma escolha arbitrária. Na verdade, de acordo com Johnson,⁶ as cinco visões que serão em breve apresentadas são as perspectivas cristãs mais bem desenvolvidas teoricamente, e, portanto, perfazem uma representação justa e compacta do espectro de opções do Aconselhamento Cristão, retratando bem a maneira como a maioria dos cristãos têm entendido o relacionamento entre psicologia e cristianismo.⁷ Entretanto, o leitor notará sobreposições em alguns

³ CALLAHAN, Ann M. Counseling and Christianity: five approaches. *Social Work & Christianity*, v. 42, n. 2, 2015, p. 209.

⁴ GREGGO, S. P.; SISEMORE, T. A. Setting the stage for the five approaches. In: GREGGO, S. P. et al. *Counseling and Christianity: five approaches*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2012, loc. 197, 2256.

⁵ MCMINN, Mark R. et al. Just what is Christian counseling anyway? *Professional Psychology: Research and Practice*, v. 41, n. 5, 2010, p. 392-395.

⁶ JOHNSON, E. L. A brief history of Christians in psychology. In: JOHNSON, E. L. *Psychology & Christianity: five views*. Downers Grove, IL: IVP Academic [Kindle ed.], 2010, p. 10. Johnson tem desempenhado um papel preponderante nesta discussão e escrito muitos artigos e livros sobre o tema, como o seu conhecido *Foundations for soul care: A Christian psychology proposal*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2007; ver também: TRAWICK, Travis. Psychology & Christianity: five views. *Southwestern Journal of Theology*, v. 55, n. 2 (2013).

⁷ A despeito de muitos autores usarem diferentes termos para se referir à disciplina em questão, como Teologia, Fé Cristã ou Religião, aqui será usado o termo “Cristianismo” por entendermos que é um termo elástico o suficiente para incluir todos os demais com respeito às diferentes visões.

momentos,⁸ o que explica de antemão o motivo pelo qual alguns nomes, definições e abordagens conectadas aqui com uma perspectiva específica podem aparecer alhures ligados a outra diferente.

1. UMA QUESTÃO METODOLÓGICA

Este artigo buscará contribuir para o desenvolvimento das fundações teóricas do Aconselhamento Cristão, usando para isso a amplamente aceita metodologia de Richard Osmer⁹ como estrutura para se desenvolver pesquisas na área da Teologia Prática. Esta proposta foi resumida por Smith¹⁰ da seguinte forma:

Tarefa	Descritiva	Interpretativa	Normativa	Estratégica
Questão	O que está acontecendo?	Por que está acontecendo?	O que deveria estar acontecendo?	Como devemos responder?
Função	Ouvido sacerdotal	Sabedoria judiciosa	Discernimento profético	Liderança serviçal

Este artigo pretende responder à primeira das perguntas: “O que está acontecendo?”. Ela corresponde à tarefa descritiva, que por sua vez corresponde à atividade da lide pastoral que exercita um “ouvido sacerdotal”. Essa “escuta” será feita por meio da análise do material publicado de acesso amplo e irrestrito com respeito às diferentes perspectivas no Aconselhamento Cristão. Essa análise pretende apresentar as principais perspectivas de modo que o material torne possível avaliações posteriores dos principais pontos fortes e fracos dessas perspectivas.

2. BREVE PANORAMA HISTÓRICO

Os últimos cinquenta anos ou mais viram um crescente interesse dos cristãos pela psicologia sob a crença de que ela lhes seria uma ferramenta útil

⁸ COE, John H.; HALL, Todd W. *Psychology in the Spirit: contours of a transformational psychology*. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2010, p. 59; MCMINN et al., *Just what is Christian counseling anyway?*, p. 393-394.

⁹ OSMER, Richard R. *Practical theology: an introduction*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2008, p. 4 [Kindle ed.]. Ainda que porventura seja desconhecida no Brasil, há benefícios em se usar a metodologia de Osmer, tal como o enriquecimento hermenêutico que a inter-relação das quatro tarefas promove. Contudo, a adoção dessa metodologia não significará adotar com ela os pressupostos liberais que porventura a possam acompanhar. Tais pressupostos foram criteriosamente criticados por Smith em: SMITH, Kevin G. Review of Richard Osmer, *Practical theology: an introduction*. *The Journal of the South African Theological Seminary*, v. 10, 2010, p. 111, que ainda assim vê nessa estrutura uma ferramenta útil e simples para a pesquisa em teologia prática.

¹⁰ *Ibid.*, p. 101.

e agregasse valor ao trabalho do conselheiro cristão.¹¹ Tal interesse, entretanto, abriu as portas para duas importantes reações. A primeira foi a aceitação de perspectivas alternativas no campo da psicologia, o que incluía os estudos religiosos – em sua maioria cristãos – ao ponto de, hoje em dia, haver entendimento geral entre conselheiros e terapeutas de serem eticamente obrigados a considerar a orientação religiosa de seus “clientes”.¹²

A outra foi a percepção de dificuldades concernentes à definição, extensão e limites do relacionamento entre cristianismo e psicologia, que demandava maior clareza em um relacionamento potencialmente problemático.¹³ O reconhecimento dessa necessidade, longe de ser um fator desencorajador, provou ser uma força motriz para aqueles que se lançaram ao desafio de procurar interagir e eventualmente integrar essas disciplinas.¹⁴

Estes esforços também trouxeram à baila a necessidade de um modelo apropriado de interação entre cristianismo e psicologia, na busca por responder como deveriam conversar e/ou cooperar.¹⁵ Contudo, essas tentativas trouxeram

¹¹ BOBGAN, M.; BOBGAN, D. *The end of “Christian psychology”*. Santa Barbara, CA: EastGate, 1997, p. 7; MACARTHUR JR., J. *Rediscovering biblical counseling*. In: MACARTHUR, J.; MACK, W. A. *Counseling: How to counsel biblically*. Nashville, TN: Thomas Nelson, 2005, p. 6; JOHNSON, A. *A brief history of Christians in psychology*, p. 9.

¹² BECK, James R. *Integration: the next 50 years*. *Journal of Psychology and Christianity*, v. 25, n. 4, 2006, p. 234; GREGGO e SISEMORE, *Counseling and Christianity: five approaches*, p. 9-10.

¹³ JOHNSON, Eric L. *A place for the Bible within psychological science*. *Journal of Psychology & Theology*, v. 20, n. 4, 1992, p. 348; POWLISON, David. *Crucial issues in contemporary biblical counseling*. *The Journal of Pastoral Practice*, v. 9, n. 3, 1988, p. 73-77; STREET, J. *Why biblical counseling and not psychology*. In: MACARTHUR; MACK, *Counseling: how to counsel biblically*, p. 31, 32.

¹⁴ FARNSWORTH, Kirk E.; REGIER, Michael W. *A vision for the future: redeeming psychology and business, managing managed care, and partnering with the church*. *Journal of Psychology and Theology*, v. 25, n. 1, 1997, p. 155-163; JOHNSON, Eric L.; JONES, Stanton L. *Psychology and Christianity: four views*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2000, p. 102-141, 243-263; WINTER, Richard. *The search for truth in psychology and counseling*. *Presbyterion*, v. 31, n. 1, 2005, p. 18-36; BASSETT, Rod. *Integrative approaches to psychology and Christianity: an introduction to worldview issues, philosophical foundations, and models of integration*. *Journal of Psychology and Christianity*, v. 25, n. 4, 2006, p. 354; HELMINIAK, Daniel A. *“Theistic psychology and psychotherapy”: a theological and scientific critique*. *Zygon*, v. 45, n. 1, 2010, p. 47-70; WORTHINGTON, Everett L. *Coming to peace with psychology: what Christians can learn from psychological science*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2010, p. 147-280; GARZON, Fernando L.; LEWIS HALL, M. Elizabeth. *Teaching Christian integration in psychology and counseling: current status and future directions*. *Journal of Psychology & Theology*, v. 40, n. 2, 2012, p. 155-159; ABRAHAM, Juneman; RUFEDA, Any. *“Theologization” of psychology and “psychologization” of religion: how do psychology and religion supposedly contribute to prevent and overcome social conflicts*. *Procedia Environmental Sciences*, v. 20, 2014, p. 516-525; ENTWISTLE, David N. *Integrative approaches to psychology and Christianity: an introduction to worldview issues, philosophical foundations, and models of integration*. Eugene, OR: Cascade, 2015, loc. 561-1061 [Kindle ed.].

¹⁵ BECK, James R. *Self and soul: exploring the boundary between psychotherapy and spiritual formation*. *Journal of Psychology and Theology*, v. 31, n. 1 (2003), p. 24-25; LAWSON, David A.; WILCOX, David A. *Philosophical foundations for integration: a response to de Oliveira*. *Journal of*

mais discórdia do que entendimentos para esse campo, especialmente no que se referia às apropriações da psicologia e suas propostas terapêuticas.¹⁶ De fato, a história do relacionamento entre a psicologia e o cristianismo tem sido confusa, geralmente não amigável e pouco proveitosa.¹⁷ Justamente por isso é digno de nota que já em 1996 Brian Eck¹⁸ tenha identificado e criticado vinte e sete modelos de relacionamento entre psicologia e cristianismo.

Portanto, tomaremos como ponto de partida para a apresentação das perspectivas o livro *Psychology & Christianity: Five Views* (Psicologia e cristianismo: cinco visões), editado por Johnson.¹⁹ Entretanto, é bom lembrar que essas mesmas cinco perspectivas são encontradas em outros trabalhos, *inter alia*, o livro editado por Greggo e Sisemore, *Counseling and Christianity: Five Approaches* (Aconselhamento e cristianismo: cinco abordagens).²⁰ Neste, os autores de cada perspectiva aplicam os princípios que defendem a um estudo de caso, descrevendo como cada um providenciaria cuidados e soluções aos problemas da pessoa indicada. Em *Psychology & Christianity Integration: Seminal Works That Shaped the Movement* (Integração entre psicologia e cristianismo: trabalhos seminais que moldaram o movimento),²¹ há uma coleção dos artigos historicamente mais relevantes que abordam o relacionamento entre a psicologia e o cristianismo, como o título antecipa. Mencionamos também *Coração e Alma: Uma Perspectiva Cristã da Psicologia*, de Willem Ouweneel, recentemente publicado em português.²² Apesar de reconhecermos a contribuição que faz, é importante mencionar que seu objetivo não foi ava-

Psychology & Christianity, v. 24, n. 3, 2005, p. 240-246; JONES, Stanton L. Integration: defending it, describing it, doing it. *Journal of Psychology & Theology*, v. 34, n. 3, 2006, p. 252-259; WORTHINGTON, *Coming to peace with psychology*, p. 91-148.

¹⁶ FARBER, Seth. *Unholy madness: the church's surrender to psychiatry*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1999, p. 36-55, 133-142; WINTER, The search for truth in psychology and counseling, p. 18-36; WORTHINGTON, *Coming to peace with psychology*, p. 124-145; ABRAHAM; RUFAEDAH, "Theologization" of psychology and "psychologization" of religion, p. 518-519.

¹⁷ Cf. *inter alia* JOHNSON, A place for the Bible within psychological science, p. 346; *Counseling and Christianity: five approaches*, p. 10.

¹⁸ ECK, Brian E. Integrating the integrators: an organizing framework for a multifaceted process of integration. *Journal of Psychology and Christianity*, v. 15, n. 2, 1996, p. 101-115.

¹⁹ JOHNSON, Eric L. *Psychology & Christianity: five views*. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2010 [Kindle ed.]. Esta é uma versão revisada da edição anterior (ver JOHNSON; JONES, *Psychology and Christianity: four views*), cuja principal diferença é a apresentação da visão mais recente no cenário, a Psicologia Transformacional (ver também: TRAWICK, *Psychology & Christianity: five views*, p. 308; JOHNSON; JONES, *Psychology and Christianity: four views*, p. 7, 8).

²⁰ *Counseling and Christianity: five approaches*, loc. 89. A abordagem deles foi, inclusive, construída sobre o livro do Johnson (op. cit.).

²¹ STEVENSON, D. H.; ECK, B. E.; HILL, P. C. *Psychology & Christianity integration: seminal works that shaped the movement*. Batavia, IL: Christian Association for Psychological Studies, 2007.

²² OUWENEEL, *Coração e alma*.

liar as diferentes perspectivas,²³ ainda que mencione quatro delas. Também é importante salientar que Ouweneel está empenhado em defender uma das cinco perspectivas, ainda que até o momento da publicação de seu trabalho (originalmente publicado em 2008), a quinta perspectiva não estivesse tão madura como quando apareceu no livro de Johnson, publicado dois anos depois.²⁴

3. AS DIFERENTES MANEIRAS DE VER O ACONSELHAMENTO CRISTÃO

3.1 *A perspectiva do Aconselhamento Bíblico*

O Aconselhamento Bíblico é uma perspectiva bem conhecida no Brasil, e sua crença fundamental é igualmente bem conhecida: a Bíblia é suficiente para lidar com todos os problemas da vida, o que compreende todas aquelas categorias não-orgânicas de comportamento, mesmo aquelas que agora porventura carreguem algum rótulo diagnóstico vindo da psicologia e da psiquiatria. Da perspectiva do Aconselhamento Bíblico, portanto, aqueles problemas rotulados psicologicamente e psiquiatricamente, por conta de suas raízes serem de ordem eminentemente espiritual, demandam uma solução cristocêntrica no lugar das soluções seculares autocentradas.²⁵

Sustentando uma abordagem exegética da Bíblia e reivindicando manuseá-la corretamente, a perspectiva do Aconselhamento Bíblico expressa um compromisso com a suficiência das Escrituras, que, para aqueles que a sustentam, exclui qualquer interferência externa às Escrituras. Baseados na exclusividade da doutrina da suficiência das Escrituras, os defensores desta perspectiva também reivindicam estar produzindo uma teoria centrada no evangelho derivada de uma cosmovisão estruturada e efetiva para o diagnóstico e tratamento de todos os problemas da alma.²⁶

Como o leitor notará a seguir com respeito às demais perspectivas, o Aconselhamento Bíblico também reconhece o papel da psicologia em desafiar seus preceitos, fazendo com que seus adeptos aprendam e desenvolvam seus argumentos.²⁷ Entretanto, por mais útil que a psicologia possa ser, *conselhei-*

²³ Idem. *Heart and soul: a Christian view of psychology*. Grand Rapids, MI: Paideia, 2008, p. 6-7.

²⁴ Ver: JOHNSON, *A brief history of Christians in psychology*, p. 199-226.

²⁵ BOBGAN; BOBGAN, *The end of "Christian psychology"*, p. 8; CAMPBELL-LANE, Yvonne; LOTTER, George A. Biblical counselling regarding inner change. *Koers*, v. 70, n. 1, 2005, p. 102; STREET, *Why biblical counseling and not psychology*, p. 39, 40.

²⁶ STREET, *Why biblical counseling and not psychology*, p. 39; FALAYE, Ajibola O. Counselling from the Christian point of view. *IFE Psychologia*, v. 21, n. 3, 2013, p. 56; GREEN, R.; VIARS, S. The sufficiency of Scripture. In: MACDONALD, J.; KELLEMAN, B.; VIARS, S. *Christ-centered biblical counseling: changing lives with God's changeless truth*. Eugene, OR: Harvest House, 2013, p. 103.

²⁷ POWLISON, D. A biblical counseling view. In: JOHNSON, *Psychology & Christianity*, p. 245-246.

ros bíblicos tendem a evitar qualquer uso das teorias modernas da psicologia, negando qualquer legitimidade ou papel estratégico da psicologia como ferramenta para prover tanto entendimento intelectual quanto prático capaz de beneficiar o cuidado da alma.²⁸

3.2 A perspectiva do Integracionismo

A segunda perspectiva também pode ser considerada conhecida, de certa forma. Trata-se da perspectiva do Integracionismo. Essa perspectiva afirma a psicologia como ciência, mas reconhece que ela é moldada pelos pressupostos do psicólogo, ou seja, quaisquer que sejam os pressupostos do psicólogo serão refletidos tanto na pesquisa quanto na aplicação prática de sua psicologia.²⁹ Em outras palavras, de acordo com a perspectiva do Integracionismo a psicologia está imersa e tem sido moldada pelos pressupostos morais e metafísicos que demandarão do pesquisador cristão modificações e remodelações daquilo que puder ser aprendido da psicologia à luz de suas crenças cristãs.³⁰

Uma vez que os estudiosos da psicologia conceituam o comportamento humano como “raramente” neutro, alguém estará praticando o Integracionismo quando desenvolve conceitos cristãos e também os aplica em como o comportamento humano pode ser entendido.³¹ Esta característica pode ser vista quando Jones resume a perspectiva integracionista como “profundamente moldada pelas convicções cristãs dele ou dela, mas que também é moldada por uma apropriação crítica, mas apreciativa da sabedoria das abordagens seculares”.³²

A crença distintiva do Integracionismo é que a Escritura não provê tudo o que é necessário para entender os seres humanos de modo abrangente, nem reconhece que a Escritura reivindique revelar tudo o que a humanidade possa desejar saber.³³ Portanto, de acordo com essa perspectiva, há um papel legítimo e estratégico para a psicologia no sentido de, como ciência, providenciar ferramentas intelectuais e práticas para o entendimento e melhora das condições humanas.³⁴ Contudo, a fim de praticar a crença no senhorio de Cristo sobre toda a existência, defende o Integracionismo, há que se dar lugar de autoridade apropriado para a revelação especial da Escritura, determinando as crenças e práticas fundamentais com relação à realidade, em especial em relação à psicologia.³⁵

²⁸ MACARTHUR JR., *Rediscovering biblical counseling*, p. 6.

²⁹ JONES, S. L. An integration view. In: JOHNSON, *Psychology & Christianity*, p. 101, 105, 114, 115, 253.

³⁰ *Ibid.*, p. 125.

³¹ *Ibid.*, p. 115.

³² *Ibid.*, p. 115, 119. Minha tradução.

³³ *Ibid.*, p. 101.

³⁴ *Ibid.*, p. 110.

³⁵ *Ibid.*, p. 101, 115, 116.

3.3 A perspectiva dos Níveis-de-Explicação

Essa perspectiva defende um reconhecimento apropriado da “unidade multinível” da criação,³⁶ expressa por cada disciplina acadêmica do conhecimento humano.³⁷ Como tais, psicologia, teologia ou química são Níveis-de-Explicação nos quais a realidade pode ser explicada, e esta perspectiva defende que não há necessidade de confundir as relações complementares dos vários níveis de explicação.³⁸ De forma mais específica, a psicologia é entendida como a ciência dos processos mentais e do comportamento, que está entre muitas outras perspectivas importantes a partir das quais o homem pode ser observado e estudado.³⁹

A perspectiva dos Níveis-de-Explicação defende que o cristianismo se relaciona com a psicologia motivando-a como ciência, demandando cético escrutínio, expressando uma fé enraizada em valores, relacionando as descrições psicológicas e religiosas da natureza humana, estudando os determinantes da experiência religiosa bem como os efeitos da religião sobre a experiência humana.⁴⁰

3.4 A perspectiva da Psicologia Cristã

A despeito dessa perspectiva carregar o termo “psicologia” no nome, a Psicologia Cristã não reconhece uma *psicologia universal* ou um único corpo de conhecimento que possa ser chamado de *psicologia* capaz de ser igualmente aceito por todos a despeito dos compromissos metafísicos pessoais de cada um.⁴¹ Isto é assim porque, ainda que considerando a psicologia como ciência, não a considera no mesmo sentido que a química, física ou outras ciências.⁴² Para aqueles que sustentam essa perspectiva, há um diferencial na psicologia por estudar o comportamento e os processos mentais das pessoas com implicações éticas e normativas.⁴³

³⁶ MYERS, D. G. A levels-of-explanation view. In: JOHNSON, *Psychology & Christianity*, p. 33, 51.

³⁷ Ver também: TRAWICK, *Psychology & Christianity: five views*, p. 308.

³⁸ MYERS, *A levels-of-explanation view*, p. 33, 51. Ver também: ENTWISTLE, *Integrative approaches to psychology and Christianity*, loc. 4689.

³⁹ Cf. MYERS, *A levels-of-explanation view*, p. 49, 52; PLANTE, T. G. A levels-of-explanation approach: using a biopsychosocialspiritual and evidence-based model. In: GREGGO et al., *Counseling and Christianity*, loc. 753; GREGGO, S. P.; SISEMORE, T. A. Distinctives and dialogue. In: GREGGO et al., *Counseling and Christianity*, loc. 2264.

⁴⁰ MYERS, *A levels-of-explanation view*, p. 58.

⁴¹ ROBERTS, R. C.; WATSON, P. J. A Christian psychology view. In: JOHNSON, E. L., Downers Grove, IL: IVP Academic, p. 154 [Kindle ed.]. Ver também: MACARTHUR JR, *Rediscovering biblical counseling*, p. 7, 9; STREET, *Why biblical counseling and not psychology*, p. 36.

⁴² ROBERTS; WATSON, *A Christian psychology view*, p. 149.

⁴³ *Ibid.*, p. 155, 164; JOHNSON, *A brief history of Christians in psychology*, p. 40.

A perspectiva da Psicologia Cristã também reconhece o quanto os compromissos pessoais influenciam alguém que esteja fazendo uma pesquisa empírica em psicologia – como os integracionistas⁴⁴ – mesmo quando se argumenta que tal pesquisa tenha sido feita sem pressupostos metafísicos ou valores de julgamento.⁴⁵ Entretanto, não importa quão “objetiva” uma pesquisa psicológica tenha sido feita, um psicólogo cristão não derivará normas apenas dos dados.⁴⁶ Como no caso da perspectiva dos Níveis-de-Explicação,⁴⁷ aqui a fé, quando desafiada, irá usar os métodos empíricos como um estímulo para buscar um conhecimento mais profundo, que será obtido quando os reclamos da tradição cristã se virem contestados por *procedimentos válidos defensáveis*.⁴⁸

O diferencial é que essa perspectiva preza por “desenvolver uma Psicologia que acuradamente descreva a natureza psicológica dos seres humanos” levando em consideração a tradição cristã histórica.⁴⁹ Para o propósito de se alcançar uma psicologia distintamente *cristã*, o pesquisador deverá dar dois passos básicos: *primeiro*, empreender uma releitura da Escritura, quando necessário, como alguns dos *grandes psicólogos cristãos* do passado fizeram. O objetivo é identificar categorias psicológicas já conhecidas que sejam filosoficamente saudáveis, teologicamente ortodoxas, bíblicamente enraizadas e psicologicamente defensáveis, enquanto a Escritura usa termos diferentes.⁵⁰ O *segundo* passo seria se engajar na pesquisa empírica com pessoas, de um modo comum à “psicologia contemporânea e praticar tal pesquisa em conformidade com os compromissos mais amplos do pesquisador”.⁵¹

Os defensores dessa perspectiva acreditam que uma pesquisa feita sob os princípios da Psicologia Cristã compete intelectualmente com qualquer abordagem secular, seja naturalista, humanista ou pós-moderna, e com seus pressupostos metafísicos sobre a natureza humana, geralmente não reconhecidos.

⁴⁴ MCMINN et al., *Just what is Christian counseling anyway?*, p. 393.

⁴⁵ ROBERTS; WATSON, *A Christian psychology view*, p. 154; SOLDAN, Wolfram. Characteristics of a Christian psychology. *The EMCAPP journal*, v. 4, 2013, p. 7.

⁴⁶ ROBERTS; WATSON, *A Christian psychology view*, p. 154, 164; WATSON, Terri S.; EVELEIGH, Elisha. Teaching psychological theories: integration tasks and teaching strategies. *Journal of Psychology and Christianity*, v. 42, n. 2, 2014, p. 21-25.

⁴⁷ MYERS, *A levels-of-explanation view*, p. 53, 75.

⁴⁸ ROBERTS; WATSON, *A Christian psychology view*, p. 166. Ênfase minha.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 155, 173; JOHNSON, Eric L. Christian Psychology, only for Christians? The two communicative agendas of Christian Psychology. *The EMCAPP Journal*, v. 1, n. 1, 2012, p. 97; SOLDAN, Characteristics of a Christian psychology, p. 7.

⁵⁰ BECK, *Self and soul*, p. 31; ROBERTS; WATSON, *A Christian psychology view*; para alguns exemplos, ver as p. 157-164 e 170-171.

⁵¹ ROBERTS; WATSON, *A Christian psychology view*, p. 164; WATSON; EVELEIGH, *Teaching psychological theories*, p. 21-25.

Dessa forma, acreditam que é possível encarar com fidelidade os desafios do presente, por demonstrações racionais e empíricas.⁵²

3.5 A perspectiva da Psicologia Transformacional

Esta é a mais nova das perspectivas no cenário do Aconselhamento Cristão. Não somente por ser a mais recente, mas principalmente pelo seu caráter intrincado, ela merecerá um pouco mais de atenção na sua apresentação. Em especial porque, como se observará, sua definição carrega traços da perspectiva da Psicologia Cristã e do Integracionismo. A intenção é afirmar que a perspectiva da Psicologia Transformacional atinge melhor os alvos de ambos.⁵³

Pela semelhança com as demais perspectivas, e pelas sutilezas que a diferenciam, se faz mister que leiamos os objetivos da Psicologia Transformacional nas palavras de seus proponentes:

Nosso objetivo é argumentar a favor de uma abordagem de formação espiritual à Psicologia e ao Cristianismo que toma a transformação espiritual-emocional do psicólogo como o fundamento do entendimento, desenvolvimento e preservação do (1) processo, (2) metodologia e (3) produto de se fazer Psicologia no Espírito, que irá, por sua vez, abrir um novo horizonte em se fazer ciência de maneira geral, e Psicologia em particular.⁵⁴

A Psicologia Transformacional reconhece as influências do pensamento secular e as metodologias naturalistas sobre a psicologia, e, portanto, pretende abordar a disciplina a partir da *estaca zero* – como pretende a perspectiva da Psicologia Cristã – mas o fará levando em conta as “realidades cristãs”,⁵⁵ um aspecto central para a Psicologia Transformacional.⁵⁶ O foco dessa perspectiva recai primeiro sobre o psicólogo como um cientista e então sobre os processos de se fazer psicologia cientificamente, no intento de produzir uma teoria na psicologia que apresente uma abordagem ético-espiritual-metodológica.⁵⁷ Desse ponto de vista, os princípios da fé são reflexo das realidades e partes constituintes da existência, e não meramente um sistema de crenças ou cos-

⁵² ROBERTS; WATSON, *A Christian psychology view*, p. 165, 173.

⁵³ COE; HALL, *Psychology in the Spirit*, p. 95.

⁵⁴ Idem. A transformational psychology view. In: JOHNSON, *Psychology & Christianity*, p. 199 [Kindle ed.]. Minha tradução.

⁵⁵ As realidades aludidas são: o pecado original, a habitação do Espírito Santo e a alma humana. Conforme argumentam os proponentes dessa perspectiva, tais realidades podem ser conhecidas pela observação, razão e fé, mas têm sido constantemente excluídas das abordagens seculares da psicologia em favor de metodologias naturalistas.

⁵⁶ Ibid., p. 203-205. Em especial, recomendo atenção à nota de rodapé 3 na p. 203.

⁵⁷ Ibid., p. 225; COE; HALL, *Psychology in the Spirit: contours of a transformational psychology*, p. 37, 40.

movisão. E, como tais, não somente informam – como no caso do Integricionismo – mas também moldam o processo, a produção e a pessoa que faz psicologia.⁵⁸ A proposta dessa perspectiva é redescobrir, redesenhar e repensar a maneira tradicional de se fazer psicologia como ciência, numa relação bem próxima com a teologia cristã.⁵⁹

Para a Psicologia Transformacional, entretanto, há evidente valor no conhecimento extrabíblico por ter Deus se revelado sobre uma infinidade de tópicos fora da Bíblia.⁶⁰ Entretanto, ainda que haja conhecimento da parte de incrédulos, ele é parcial (se tanto) por conta da graça comum. O que é determinante e elemento fundamental, capaz de influenciar tanto a metodologia quanto os resultados, é a transformação do psicólogo. A razão pela qual creem assim é que, da perspectiva da Psicologia Transformacional, o incrédulo é incapaz e indisposto a ver certos aspectos do ser humano e não produz conhecimento científico proveitoso como forma de amor a Deus e ao próximo, porque lhe falta um relacionamento apropriado com Deus.⁶¹

4. VISLUMBRES DE UMA NOVA PROPOSTA

Há um evidente benefício em se elencar as principais perspectivas do relacionamento entre psicologia e cristianismo, qual seja, dar uma visão geral e acurada o suficiente para entender que o Aconselhamento Cristão, como área, cresceu e se desenvolveu. Hoje não podemos mais falar de uma escolha do tipo “um ou outro”. As opções, além de abundantes e diferentes, carregam implicações das mais variadas espécies. Um benefício adicional em se apresentar todas as cinco perspectivas foi vislumbrar como, ao longo do tempo e do desenvolvimento acadêmico na área do Aconselhamento Cristão, a cristandade buscou responder à maneira como os cristãos poderiam se beneficiar ou não dos dados e avanços obtidos pela psicologia. Como um exercício de antecipação, contudo, se faz necessário reiterar o que foi dito no começo, que a descrição foi apenas o início de uma pesquisa que, uma vez apresentada, demanda interpretação, sábia e judiciosa, de por que as diferentes perspectivas diferem irreconciliavelmente.

É nesse contexto que o Aconselhamento Redentivo, como uma nova perspectiva, aparece. A questão que se impõe é se o Aconselhamento Redentivo pode figurar dentre as demais perspectivas do Aconselhamento Cristão. Esta, porém, não é uma questão fácil de responder, pois para isso

⁵⁸ COE; HALL, *A transformational psychology view*, p. 204, 205.

⁵⁹ Ibid., p. 199, 202. Ver também: MOON, G. W. A transformational approach. In: GREGGO et al., *Counseling and Christianity*, p. 132-156.

⁶⁰ COE; HALL, *Psychology in the Spirit*, p. 15-17, 93; Idem, *A transformational psychology view*, p. 208.

⁶¹ COE; HALL, *A transformational psychology view*, p. 214-216, 218-219.

será necessária uma avaliação prévia das demais perspectivas, principalmente do ponto de vista de seus paradigmas filosóficos subjacentes. Uma avaliação dessa natureza demandará que, além de conhecer quais sejam, se saiba que paradigmas filosóficos subjacentes cada uma das perspectivas representa. Esta tarefa avaliativa, porém, não faz parte do escopo do presente artigo. Em artigo futuro pretendemos abordar a questão dos paradigmas subjacentes e apontar áreas que não foram plenamente cobertas pelas perspectivas que sejam capazes de explicar as diferenças apontadas aqui.⁶²

O que procuramos fazer no presente artigo foi tão somente cumprir a primeira de quatro tarefas básicas da teologia prática e descrever o quadro atual como vem sendo percebido. Uma posterior avaliação, de caráter mais filosófico, será necessária. Entretanto, esta apresentação descritiva inicial será fundamental para que os passos posteriores sejam dados, e desta forma o Aconselhamento Cristão seja, ainda que modestamente, enriquecido pelas considerações elencadas ao longo do processo.

CONCLUSÃO

Neste artigo procuramos discernir qual é o atual cenário do Aconselhamento Cristão, respondendo à pergunta “o que está acontecendo?”, que corresponde à primeira tarefa da teologia prática, de acordo com Osmer. O processo de “escuta” sacerdotal se deu pela descrição das cinco principais perspectivas no Aconselhamento Cristão.

Ainda que se tenham notado sobreposições nas diferentes abordagens, a procura em discernir as perspectivas nos permite, por fim, identificar uma importante lacuna, conduzindo à questão que permanece em aberto, pois cada perspectiva responde à questão de maneira muito distinta, e até certo ponto, insatisfatoriamente, qual seja, o papel que a psicologia desempenha no Aconselhamento Cristão, de um ponto de vista reformado.

Os problemas encontrados nas diferentes maneiras que cada perspectiva propõe de se apropriar das descobertas da psicologia carecem de maior desenvolvimento quanto ao papel das Escrituras no escrutínio dessas apropriações, de um ponto de vista reformado. Esse desenvolvimento deverá se refletir numa perspectiva que lide apropriadamente tanto com a teologia reformada quanto com aspectos filosóficos mais profundos.

Até este ponto, portanto, é seguro tão somente afirmar que o cenário oferece uma figura complexa e multifacetada. Em vista dos desgastes que en-

⁶² ECK, B. E. Integrating the integrators: an organizing framework for a multifaceted process of integration. In: STEVENSON; ECK; HILL, *Psychology and Christianity integration*, p. 231. Na verdade, Eck acabou identificando e catalogando vinte e sete modelos ou perspectivas em três grandes paradigmas principais sobre os quais se desenvolve o relacionamento entre psicologia e cristianismo, que serão abordados de modo apropriado posteriormente.

volvem o relacionamento entre o cristianismo e a psicologia, oscilando entre um eixo de aceitação e rejeição, precisamos de uma perspectiva que vá além da histórica celeuma, e seja capaz de oferecer aos cristãos uma posição que encoraje a pesquisa científica que não comprometa sua fé.⁶³ Uma vez que há claras implicações em se reconhecer de modo diferente a autoridade das Escrituras no que tange a absorver elementos da psicologia, este assunto, reafirmamos, ainda carece de maior clarificação.⁶⁴

ABSTRACT

Like any other area in Christian theology, the Christian counseling field is not monolithic. In fact, in the last few years this field has been experiencing deep expansion and modifications. Yet much of the discussion regarding the area has not arrived in Brazil in a clear manner, even though the most recent publications have presented the main protagonists. Therefore, this article intends to present to the reader, in an organized and gradual fashion, the current, best-developed perspectives from an academic and technical point of view, in order that they may be known and properly evaluated. The main purpose is to contribute towards avoiding potential misunderstandings as well as to help practitioners to profit from the ensuing dialogue. It is also expected that an evaluation of the general picture – which is necessary, but only becomes possible when the main distinctive features of each perspective are known – will create an environment that is conducive to the presentation of a new perspective, Redemptive Counseling, with its potential contributions to the field.

KEYWORDS

Biblical Counseling; Christian Counseling; Integrationism; Christian Psychology; Redemptive Counseling; Perspectives; Approaches.

⁶³ MACARTHUR, John; MACK, Wayne A. *Introduction to biblical counseling: a basic guide to the principles and practice of counseling*. Nashville, TN: Word, 1994, p. 65.

⁶⁴ FALAYE, Counselling from the Christian point of view, p. 57; JOHNSON, *A brief history of Christians in psychology*, p. 11; JOHNSON, Eric L. Reformational counseling: a middle way. *Reformation & Revival*, v. 13, n. 2, 2004.

A TORRE DE BABEL E A DISPERSÃO DAS NAÇÕES COMO A *PRAEPARATIO MISSIO* EM GÊNESIS 11.1-9

*Chun Kwang Chung**

RESUMO

A interpretação mais comum de Gênesis 11.1-9, que considera a confusão da linguagem na torre de Babel como a origem das línguas, culturas e povos, é colocada sob escrutínio. Os povos em sua diversidade já existiam muito antes de Babel, refletindo a riqueza da diversidade e multiplicidade do Deus triúno. O projeto unificador e homogeneizador de Babel é interrompido de forma abrupta porque caminhava na direção oposta do mandato original para a humanidade de “multiplicar e encher a terra”. A preservação da diversidade cultural e a diluição do pecado humano no espalhar dos povos são bênçãos que servem de pano de fundo para o evento climático que interliga a primeira parte de Gênesis (caps. 1-11) ao restante do livro: o chamado missionário de Abraão.

PALAVRAS-CHAVE

Gênesis; Babel; Povos; Línguas; Diáspora; Nações; Diversidade; Missão.

INTRODUÇÃO

O propósito do presente artigo é apresentar a tese de que a confusão da linguagem em Babel não pode ser considerada o marco do surgimento de novas línguas como é popularmente apregoado. A interferência divina ao confundir os construtores não foi um ato de juízo punitivo, mas uma intervenção de preservação das nações preparando-as para serem alcançadas e abençoadas por um personagem e seus descendentes: Abraão.

* Pastor titular da Igreja Presbiteriana Metropolitana de Alphaville e professor na área de missões no CPAJ. Bacharel em Teologia pelo Seminário JMC e Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu, mestre em Novo Testamento pela Trinity Evangelical Divinity School e doutor em Estudos Interculturais pelo Reformed Theological Seminary.

Desde pregadores mais populares a acadêmicos renomados,¹ a interpretação mais comum de Gênesis 11.1-9 é de que “toda a terra” se refere à totalidade do planeta e de que havia um só idioma na época em que o projeto da construção da torre começara. A história de Babel seria então a origem das línguas e dos povos em sua diversidade de culturas. A confusão e a dispersão subsequentes seriam a punição divina para a revolta da humanidade e a reversão dessa maldição aconteceria em Atos 2. A moral dessa história para alguns seria “de como planos humanos foram divinamente transformados em pandemônio linguístico e fragmentação cultural. Seu contraponto neotestamentário é a história do Pentecostes... a inauguração final da promessa de reversão do efeito de Babel”.²

Bruce Waltke também vai nessa direção:

[Deus] julga a humanidade confundindo seus idiomas e forçando-os a se separarem uns dos outros. Como se observou, o resultado tem sido destruição catastrófica, não dominação, quando as nações desenfreadas fazem guerra entre si. Essa danosa confusão e devastadora destruição são revertidas no Pentecostes (At 2.5-18).³

Apesar de muitos intérpretes olharem para o Babel dessa forma, outras pesquisas⁴ apontam diversos problemas e incongruências na chamada interpretação clássica, como passaremos a apresentar.

¹ CHRYSOSTOM, St. John. “Homily 30”. In: *Homilies on Genesis 18-45*. Trad. Robert C. Hill. Washington, DC: Catholic University of America Press, 1990, p. 222. AUGUSTINE, *City of God*, 16.10.11 (NPNF 2:316-17). CALVIN, John. *Genesis*. Carlisle, PA: Banner of Truth, 1992. LUTHER, Martin. *Works*. St. Louis: Concordia, 1960, 2:210. WESTERMANN, Claus. *Genesis 1-11*. Minneapolis: Augsburg, 1976, p. 542. SARNA, Nahum M. *Understanding Genesis*. New York: Schocken, 1970, p. 69. CASSUTO, Umberto. *A Commentary on the Book of Genesis*. Jerusalem: Magnes, 1964, p. 239. KEIL, C. F.; DELITZSCH, F. *Biblical Commentary on the Old Testament*. Grand Rapids: Eerdmans. WENHAM, Gordon J. *Genesis 1-15*. Waco, TX: Word, 1987, p. 238. LEUPOLD, H. C. *Exposition of Genesis*. Grand Rapids: Baker, 1960, p. 3.

² Editorial. Beyond Babel: Pentecost and Mission. *International Bulletin of Missionary Research*, v. 30, n. 2 (April 2006).

³ WALTKE, Bruce K.; FREDERICKS, Cathi J. *Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 222.

⁴ PAYNE, David F. “Babel, Tower of”. *ISBE* 1:382. DEWITT, Dale S. “The Historical Background ground of Genesis 11:1-9: Babel or Ur?” *JETS* 22 (1979): 17-18. REIMER, Steve. “The Tower of Babel: An Archaeologically Informed Reinterpretation”. *Direction* 25 (1996): 64-72; KLINE, Meredith. *The New Bible Commentary*. Grand Rapids: Eerdmans, 1970, 91; KIDNER, Derek E. *Genesis*. Chicago: InterVarsity, 1967, p. 110. GOUSMETT, Chris. The confusion of language in the interpretation of Genesis 11. *The Evangelical Quarterly*, v. 89, n. 1 (2018), p. 34-50. ANDERSON, Bernhard W. Unity and diversity in God’s creation: a study of the Babel story. *Currents in Theology and Mission*, v. 5, n. 2 (1978), p. 69-81.

1. UMA SÓ LÍNGUA NA TERRA?

Uma primeira dificuldade arqueológica para se manter a interpretação clássica é a menção no texto de “tijolos queimados”. Blocos de barro queimados vão aparecer na arquitetura por volta de 3500 a.C. sendo que blocos não queimados já eram utilizados desde 8500 a.C., o que faz com que o evento mencionado seja historicamente tardio para ser considerado a origem das línguas na terra.⁵ As grandes construções do mundo antigo antes dos tijolos queimados foram erigidas usando uma técnica acurada de cortar grandes pedras. A grande dificuldade era transportar e sobrepor as massivas rochas para formarem estruturas mais ou menos complexas e isso demandava um longo período de tempo. Acredita-se, por exemplo, que a pirâmide de Gizé no Egito tenha levado quase 100 anos para ficar pronta. Os construtores da torre de Babel não tinham todo esse tempo e ao utilizarem essa nova tecnologia diminuiriam consideravelmente o tempo de construção, podendo focar em outras agendas. A torre de Babel era provavelmente um *zigurate* como veremos mais à frente. Muitos povos e civilizações com sua própria língua e cultura são datados muito antes de 3500 a.C.

O segundo problema é semântico. O texto de Gênesis 11 começa dizendo que “em toda a terra havia apenas uma linguagem e uma só maneira de falar”. Na versão Revista e Atualizada os tradutores escolheram o termo “linguagem” ao invés de “língua” porque o termo utilizado em Gênesis 11.1-9 é *saphah* e não o termo mais comum no hebraico para “língua” que é *lashon*.

Saphah (linguagem) é usado cinco vezes em Gênesis 11.1-9 e ocorre 175 vezes no Antigo Testamento. O seu significado principal é em referência ao *órgão físico* “língua” (Ct 1.2; 1Sm 1.13) como em Isaías 6 quando o anjo toca o *saphah* do profeta com uma brasa viva. Também é uma referência às margens de rios (Gn 41.3; 2 Rs 2.13). O uso de *saphah* como linguagem está sempre atrelado ao conteúdo da mensagem, como por exemplo, na diferenciação feita entre a linguagem dos tolos da linguagem dos sábios em Salmos e Provérbios (Sl 22.8; 81.6). “Assim podemos ver que a palavra *saphah* não se refere a uma língua distinta de outra, mas ao conteúdo da fala – justo ou maligno, verdadeiro ou mentiroso, louvável ou de escárnio”.⁶ Em nenhuma ocorrência no Antigo Testamento *saphah* se refere a idioma ou língua estrangeira.

Por outro lado, *lashon* é o termo comumente usado no Antigo Testamento para se referir às línguas como idiomas e até mesmo aos diferentes povos usando a metonímia. O termo *lashon* é traduzida por *glossa* (língua) na LXX. Alguns exemplos do uso de *lashon*:

⁵ SEELY, Paul H. The date of the tower of Babel and some theological implications. *The Westminster Theological Journal*, v. 63, n. 1 (2001), p. 15-38, 17.

⁶ GOUSMETT, The confusion of language, p. 43.

-Dt 28.49 – O SENHOR levantará contra ti uma nação de longe, da extremidade da terra virá, como o vôo impetuoso da águia, nação cuja *língua* não entenderás.

-Ne 13.23-24 – Vi também, naqueles dias, que judeus haviam casado com mulheres asdoditas, amonitas e moabitas. Seus filhos falavam meio asdodita e não sabiam falar judaico, mas a *língua* de seu respectivo povo.

-Et 1.22 – Então, enviou cartas a todas as províncias do rei, a cada província segundo o seu modo de escrever e a cada povo segundo a sua *língua*: que cada homem fosse senhor em sua casa, e que se falasse a *língua* do seu povo.

-Dn 3.28 – Portanto, faço um decreto pelo qual todo *povo, nação e língua* que disser blasfêmia contra o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego...

É seguro dizer então que “uma só linguagem e uma maneira de falar” em Gn 11.1 seria uma *língua franca* que os povos tinham em comum para intercâmbios e transações comerciais no mundo antigo.⁷ Uma só linguagem em toda a terra, então, não se refere a uma língua universal, a mãe de todas as línguas de cujo tronco linguístico saíram todas as outras, mas ao propósito universal de povos da terra que se unem para se rebelarem contra Deus.

2. OS ZIGURATES NO MUNDO ANTIGO

O termo *midgol* (torre) no verso 4 é comumente referido como torre de vigia na Bíblia (Jz 9.45; 2 Rs 9.17; Is 5.2), mas aqui tudo indica que se refere a um *zigurate*. Tijolos queimados e betume eram muitos valiosos, sendo utilizados apenas para construção de templos e palácios luxuosos.⁸ Zigurates não eram tentativas de glorificar a Deus como as catedrais na Europa medieval, mas eram construções essenciais para a aglutinação de pessoas que viviam de acordo com a visão de realidade do mundo antigo na Mesopotâmia.

As escavações têm mostrado que esse tipo de estrutura constituíam um desenvolvimento lógico de um pequeno santuário central onde pequenas casas em vilarejos primitivos do período calcólico⁹ estavam agrupadas ao seu redor. Era para ser equivalente a uma montanha, ou seja, uma elevação na terra com sua característica de concentrar poderes de dar vida. Dessa forma o zigurate oferecia uma estrutura adequada para o poder e vida divina se manifestar possivelmente criando as condições para uma comunhão apropriada com deus. Entretanto, não era uma veneração a uma divindade transcendente como no cristianismo, mas um senso de comunidade com um deus imanente.¹⁰

⁷ MARLOWE, W. C. The sin of Shinar (Genesis 11:4). *European Journal of Theology*, v. 20, n. 1 (2011), p. 34.

⁸ SEELY, The date of the tower of Babel, p. 18.

⁹ Idade do Cobre: 3300 a 1200 a.C.

¹⁰ HARRISON, Roland K. *Introduction to Old Testament*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1969, p. 560.

Em outras palavras, os zigurates funcionavam como captadores da energia vital e da fertilidade emanada pelos deuses para serem distribuídas aos moradores, seus rebanhos e lavouras a partir daquele ponto elevado. Os cultos pagãos envolviam a prostituição cultural com a finalidade de atíçarem os deuses a também fazerem sexo, pois essa seria a origem da fertilidade para as colheitas e a procriação do gado. A ausência de zigurates na cultura hebraica explica o uso do termo genérico *migdol*.¹¹

No mito babilônico *Enuma Elish*, o grandioso templo chamado *Esagil* que “alcançava os céus” é construído por deuses menores para a habitação dos grandes deuses Marduk, Enlil e Ea.¹² A torre de Babel (בָּבֶל) “foi intencionada para ser uma estrutura como a de um zigurate da Babilônia, que foram desenvolvidos no início do terceiro milênio a.C... O texto de *Sharjalisharri*, rei de Agade por volta de 2250 a.C., menciona a reforma do zigurate na Babilônia”.¹³

A construção da torre de Babel era apenas um primeiro passo para o nascimento de uma grande cidade ao seu redor. Um zigurate construído com a nova tecnologia de tijolos queimados seria imponente e de grande estatura, atraindo assim, muitas pessoas ao seu redor, pois haveria energia vital e fertilidade o suficiente para cobrir uma vasta área. O uso de elevações naturais para estabelecer zigurates não era proveitoso por causa do solo pedregoso ao redor das montanhas. Ao ser construída no vale de Sinear, Babel aproveitaria toda a produtividade e potencial do crescente fértil dos rios Tigre e Eufrates, tornando-se uma grande potência. Daí Deus dizer: “Agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer” (Gn 11.6).

3. A TÁBUA DAS NAÇÕES EM GÊNESIS 10

A história da torre de Babel é uma descrição mais detalhada do que aconteceu no capítulo 10, da mesma maneira como Gênesis 2 descreve com maior riqueza a criação do homem que já fora mencionada em Gênesis 1.26-31. Alguns observaram que a ordem entre os capítulos 10 e 11 não é cronológica, e sim temática.¹⁴

¹¹ WALTON John, *The Mesopotamian Background of the Tower of Babel Account and Its Implications*. *BBR* 5 (1995), p. 156. Walton demonstra que a palavra *zigurat* é derivada do termo acadiano *zaqaru*, que significa “ser alto”.

¹² WENHAM, *Genesis*, p. 294.

¹³ HARRISON, *Introduction*, p. 560. Sarna defende que Babel se passa na fundação da primeira dinastia babilônica no 19º século A.C. SARNA, N. M. *Understanding Genesis*. New York: McGraw-Hill, 1966. p. 85. Esta posição é debatida por De Witt: “Uma alternativa plausível é a queda da terceira dinastia de Ur, o evento que marca o fim da civilização suméria por volta de 1900 a.C.”. DE WITT, D. S. The historical background of Genesis 11:1-9: Babel or Ur? *Journal of the Evangelical Theological Society*, v. 22, n. 1 (1979), p. 15-26, 17.

¹⁴ ROSS, Allen P. *Studies in the Book of Genesis*. *Bibliotheca Sacra* 137, n. 548 (1980), p. 128. Nesse artigo o autor defende que a ordem cronológica seria primeiro a torre de Babel que dá origem às línguas e depois o surgimento das nações em Gênesis 10.

A origem das diferentes línguas não ocorre em Babel, pois a lista das nações em Gênesis 10 aponta a existência de setenta etnias, cada uma “em suas terras, cada qual segundo sua língua, segundo as suas famílias, em suas nações”, fórmula repetida três vezes nos versos 5, 20, 31. Na disposição dos capítulos 10 e 11, então, no meio do repovoamento após o Dilúvio com a multiplicação das nações e povos, o evento da construção da torre de Babel acontece no recorte entre os versos 8 e 25 do capítulo 10. A seção de Gênesis 10.2–11.10 forma uma unidade mais conhecida como o *toledot* de Sem.¹⁵

Gn 10.5: Estes repartiram entre si as ilhas das nações nas suas terras, cada qual segundo a sua *língua* (*lashon*), segundo as suas famílias, em suas nações.

Gn 10.20: São estes os filhos de Cam, segundo as suas famílias, segundo as suas *línguas* (*lashon*), em suas terras, em suas nações.

Gn 10.31: São estes os filhos de Sem, segundo as suas famílias, segundo as suas *línguas* (*lashon*), em suas terras, em suas nações.

Um aspecto importante aqui é que Gênesis 10 não se trata de uma mera genealogia. O padrão “viveu, gerou, morreu” que vemos em Gênesis 5 e em 11.10-31 é bem diferente da lista em Gênesis 10. As genealogias de Gênesis 5 e 11.9-31 são idênticas também em sua extensão: são dez gerações de Adão a Noé e outras dez de Noé a Abrão.¹⁶

Gênesis 10 é mesmo uma tábua das nações ao invés de uma genealogia clássica. A forma plural e os nomes das cidades tornam claro que o autor estava mais preocupado nesse ponto com a expansão da humanidade para as várias áreas geográficas do mundo do que com a linhagem e idade dos grandes homens da antiguidade. O capítulo 10 descreve o cumprimento da bênção de Deus a Noé de que ele e sua semente deveriam “encher a terra”.¹⁷

¹⁵ De acordo com a *teoria das tábuas* ou a *hipótese de Wisemann*, “o livro de Gênesis foi originalmente escrito em tábuas com a escrita antiga da época, pelos patriarcas que estavam intimamente preocupados com os eventos relatados e cujos nomes estão claramente citados. Mais ainda, Moisés, o compilador e editor do livro como agora o temos, abertamente direciona a atenção para a fonte de sua informação”. WISEMAN, P. J. *New discoveries in Babylonia about Genesis*. London: Marshall, Morgan & Scott, 1936, p. 8. Apoiada inicialmente pelo importante acadêmico Roland K. Harrison em *Introduction to the Old Testament*, a teoria das tábuas de *toledots* (gerações) tornou-se a principal teoria entre acadêmicos conservadores. As frases delimitadoras ou *cólofos* que encerram cada parte no texto de Gênesis seguem o mesmo padrão de tábuas encontradas em sítios arqueológicos da Babilônia. A seção começa com o termo *toledot* (geração ou genealogia de) e termina com um *cólofon* no final. Gn 1.1–2.4: Toledot dos céus e da terra; 2.5–5.2: Toledot de Adão; 5.3–6.9: Toledot de Noé; 6.9–10.1: Toledot dos filhos de Noé; 10.2–11.10: Toledot de Sem; 11.10–11.27: Toledot de Terá; 11.27–25.19: Toledot de Ismael e Isaque; 25.19–37.2: Toledot de Esaú e Jacó. WISEMAN, P. J. *Ancient records and the structure of genesis: a case for literary unity*. Nashville: Thomas Nelson, 1985, p. 68-69.

¹⁶ SMITH, G. V. Structure and purpose in Genesis 1-11. *Journal of the Evangelical Theological Society*, v. 20, n. 4 (1977), p. 307-319, 312.

¹⁷ Ibid.

Qual seria o escopo de “as nações da terra” em Gênesis 10.32? Seria a totalidade das nações ou apenas das nações conhecidas? Apesar de muitos estudiosos preferirem a última, o fato de a tábula conter nomes desconhecidos e ser tão abrangente é uma indicação de que a lista pretendia ser abrangente. O número simbólico 70 que denota completude na Bíblia também é uma indicação dessa universalidade.¹⁸ Harrison aponta algumas identificações feitas por acadêmicos.¹⁹

Gomer (v. 2) se refere ao país dos cimérios,

... um povo que viveu ao norte do Cáucaso e do mar de Azov por volta de 1300 a.C., até que foram expulsos para o sul, pelos citas, chegando à Anatólia por volta do século VIII a.C. Linguisticamente costumam ser classificados como iranianos, ou, possivelmente, trácios.²⁰

Asquenaz é apontado como ancestral dos citas, que eram um antigo povo iraniano de pastores nômades equestres que por toda a antiguidade clássica dominaram a estepe pôntico-cáspia, conhecida à época como Cítia.

De Madai vem os medos, que foram uma das tribos de origem ariana que emigraram da Ásia Central para o planalto iraniano durante a antiguidade. No final do século VII a.C. fundaram o Império Medo.

Javan foi o pai dos jônios, também conhecidos como jônicos ou iônios; eram um povo indo-europeu que se estabeleceu na Ática e no Peloponeso, a atual Grécia.

Dodanim ou Rodanim repartiu com seus irmãos Elisá, Társis e Quitim as ilhas das nações (v. 5), sendo Rodes a maior das ilhas do Dodecaneso, situadas no Mar Egeu, onde se encontrava uma das sete maravilhas do mundo antigo, a estátua gigantesca conhecida como o Colosso de Rodes.

Cuxe é a Etiópia, Mizraim o Egito, Caftorim (v. 14) a ilha de Creta e Hete os hititas. Os heveus, pais dos hurritas, eram um povo da Mesopotâmia, vivendo no extremo norte da região. Habitavam ao norte da atual Síria, no litoral do Mar Mediterrâneo e no curso superior do rio Eufrates. Há a possibilidade de tanto o povo como a língua hurrita serem um dos substratos étnicos, linguísticos e culturais do moderno povo curdo.

Assur refere-se à Assíria e Arã aos arameus. Na lista estão muitos dos povos mencionados na época dos patriarcas, como os jebuseus, amorreus, girgaseus, heveus, cananeus (v. 16-18) e até mesmo Sabá (v. 28).

Não há nenhuma razão aparente para justificar a ideia de que Gênesis 11.1-9 antecedeu cronologicamente o surgimento de todas essas nações lis-

¹⁸ WALTKE, *Gênesis*, p. 198.

¹⁹ HARRISON, *Introduction*, p. 559.

²⁰ *Ibid.*

tadas. Como veremos mais adiante, o projeto de Babel aconteceu em algum momento durante o período em que os povos foram surgindo após o Dilúvio e seu objetivo foi ir contra o povoamento e a diversidade dos povos em sua variedade de línguas e culturas.

4. PRIMEIRA MOTIVAÇÃO: TORNEMOS CÉLEBRE O NOSSO NOME

Se a criação existe para glorificar a Deus, os construtores da torre queriam exaltar o seu próprio nome. Na raiz da revolta em Babel estava o aspecto doxológico. A idolatria e a auto-exaltação dão o tom da primeira motivação dos construtores da grande torre que alcançaria os céus como que invadindo a habitação divina. Como consequência da queda, “vemos uma sociedade humana que perdeu sua teocentricidade”.²¹

O ódio ao anonimato leva homens aos feitos heroicos de valor ou longas horas de labor; ou os persuade a atos espetaculares de vergonha ou ganhos próprios inescrupulosos. Em outras palavras, tentam dar honra e glória a si mesmos, as quais pertencem propriamente ao nome de Deus.²²

Tornar o nome célebre também trazia implicações militares. Assim como os nefilins foram “valentes, varões de renome, na antiguidade” (Gn 6.4), marcados pela violência e guerra, os construtores de Babel não queriam o reconhecimento apenas como exímios construtores, mas como conquistadores temidos. Os assírios foram os que melhor utilizaram tal fama nas campanhas militares. Conhecidos pela crueldade com que trataram seus derrotados, eles esfolavam vivos os nobres, decapitavam tropas inimigas inteiras e queimavam suas cidades. Quando a fama e o nome violento precediam as batalhas, havia ali uma vantagem antecipada de baixar a moral das tropas inimigas. A violência e a dominação sem precedentes de Babel faria com que não houvesse “restrição para tudo que intentam fazer” (v. 6).

A história de Babel em Gênesis 11.1-9 é uma descrição mais detalhada de Gênesis 10.8-10:

Cuxe gerou a Ninrode, o qual começou a ser poderoso na terra. Foi valente caçador diante do SENHOR; daí dizer-se: Como Ninrode, poderoso caçador diante do SENHOR. O princípio do seu reino foi Babel, Ereque, Acade e Calné, na terra de Sinear”.

²¹ DUMBRELL, William J. *The search for order: biblical eschatology in focus*. Eugene, OR: Wipf & Stock, 2001, p. 33.

²² RICHARDSON, Alan. *Genesis 1-11: the creation stories and the modern world view*. London: SCM Press, 1966, p. 128.

A menção de Babel na planície na terra de Sinear (Gn 11.2) é a indicação do mesmo ponto geográfico onde Ninrode estabelece o seu domínio. Quatro cidades se uniriam então para um ousado projeto do maior zigurate já construído, unificando povos e inaugurando o primeiro grande império da Terra. Ainda outra indicação de que a história da torre de Babel estaria dentro dos acontecimentos de Gênesis 10, Pelegue (“divisão”) é nomeado por causa de um acontecimento marcante: “porquanto em seus dias se repartiu a terra” (Gn 10.25). A padrão que vemos em Gênesis 11, detalhando algo que aconteceu no capítulo anterior, é consistente com o que vemos em Gênesis 1 e 2.

Nimrode exemplifica os ideais dos heróis da Mesopotâmia, particularmente de seus reis, como guerreiro, construtor de cidade e caçador... O nome Nimrode não é explicado aqui, mas pode ser traduzido como: “nós iremos nos rebelar”, uma apta caracterização da motivação dos construtores de Babel.²³

O aparecimento das primeiras grandes civilizações urbanas se dá em torno de 3500 a.C. Antes deste período, pequenas cidades que não podem ser consideradas mais do que assentamentos eram os típicos conglomerados na Mesopotâmia.²⁴ Tal datação é consistente com o período em que os “tijolos queimados” foram utilizados.

5. SEGUNDA MOTIVAÇÃO: NÃO SEJAMOS ESPALHADOS

Se a primeira motivação era antidoxológica, a segunda é antimissional. Ao desobedecer o mandato de se espalhar e encher a terra (Gn 1.28; 9.1), os construtores de Babel buscavam muito mais do que a mera segurança e estabilidade. Eles queriam se tornar um grande império para conquistar os demais povos e implementar uma agenda homogeneizadora.

Medo do deserto desconhecido, de lugares e faces estranhas, e incertezas quanto ao futuro impelem um povo andarilho para um centro onde eles se organizam para construir uma cidade ou criar uma civilização. Eventualmente eles se voltam para um tirano, como Nimrode.²⁵

Na arqueologia, “a menção de uma língua universal vem do épico sumério *Enmerkar e o Senhor de Aratta*... nesse texto realmente se aguarda a chegada de um tempo quando toda a humanidade irá falar uma só língua, o sumério”.²⁶ Essa menção em materiais extrabíblicos indica o desejo ambicioso dos sumérios de unificar e homogeneizar as línguas existentes para impor uma dominação

²³ WENHAM, *Genesis*, p. 300.

²⁴ SELLY, *The Date of the Tower of Babel*, p. 16.

²⁵ ANDERSON, *Unity and diversity*, p. 75.

²⁶ WENHAM, *Genesis*, p. 293.

político-cultural sobre os povos ao seu redor num claro projeto de império. Essa prática foi comumente utilizada ao longo da história por grandes impérios em seu processo de expansão territorial e dominação através de uma visão de superioridade cultural. A expansão do império babilônico os levou a arrancar o nome dos seus conquistados, mudando, por exemplo, Daniel para Beltessazar (Dn 1.7). O movimento de helenização e o ideal de superioridade ariana no nazismo foram formas dessa imposição. No imperialismo japonês os conquistados não poderiam estudar em sua língua materna e uma geração inteira foi forçada a aprender a língua japonesa. Esses são alguns exemplos de tentativas de genocídio cultural.

Ao completarem a obra da grande torre zigurate, eles unificariam muitos povos ao redor da imponente fonte de fertilidade e energia vital dos deuses para levarem a cabo o projeto de império. A construção da torre não poderia levar a vida toda diante dessa agenda mais importante. Os povos e as nações da terra sucumbiriam diante da superioridade cultural de um povo capaz de erigir uma torre que alcançava os céus. Contudo, a recusa dos habitantes de Babel de se espalharem e encherem a terra (Gn 1.28; 9.1) traria consequências terríveis não só para eles, mas também para o resto de toda a humanidade.

6. A DIVERSIDADE COMO BÊNÇÃO

Uma teologia que afirma o surgimento das nações, povos e línguas como maldição e como consequência do juízo divino é no mínimo problemática. A diversidade na Bíblia nunca é vista de forma negativa, mas como o reflexo da grandiosidade do Criador que reflete a sua essência trinitária (um e três) na humanidade em seu aspecto universal e ao mesmo tempo multifacetado. Unidade e diversidade, uno e múltiplo, são atributos do Criador e dádivas aos seres humanos.

No princípio Deus produz grande diversidade em sua criação, como se pode ver desde a história da criação com a qual a Bíblia começa; sua bênção criativa, renovada depois do Dilúvio, resulta em pluralidade étnica (Gn 10). Mais à frente, retratos escatológicos da consumação dos propósitos de Deus não visualizam uma humanidade homogênea, mas uma humanidade unida em diversidade. De acordo com a visão de Isaías dos últimos dias (Is 2.1-4), quando os povos se juntam em procissão a Sião, a cidade por excelência, eles virão como nações com suas respectivas identidades étnicas.²⁷

Também nesse ponto se faz questionável a tese de que no Pentecostes houve a reversão da maldição de Babel. A correspondência absoluta entre os dois eventos contemplaria o desaparecimento das diversas línguas para o re-

²⁷ ANDERSON, Unity and diversity, p. 71.

torno de uma só, ou seja, os discípulos não falariam em outras línguas, mas os povos da terra reunidos ali em Jerusalém passariam a falar uma única língua.

Diversidade não é uma condenação. Há muito Calvino percebeu essa verdade comentando sobre Gênesis 11.8: “Os homens foram já espalhados por toda parte; e isso não deve ser considerado uma punição, antes resultou da bênção e graça de Deus”.²⁸ O surgimento de novas línguas e culturas se dá por um processo natural através basicamente de dois agentes: tempo e isolamento.

As línguas crescem e mudam com o tempo quando as pessoas mudam sua maneira de viver, desenvolvem novas tecnologias e invenções, novos agrupamentos sociais e atividades... As línguas surgem e se desenvolvem dentro da atividade cultural formativa humana.²⁹

A extravagante riqueza na diversidade da criação, suas cores, cheiros, estruturas e a infinita possibilidade de recombinações genéticas apontam para a bênção da heterogeneidade. Plantas e animais sem diversidade genética são muito mais susceptíveis a doenças e pragas que podem causar sua extinção. Um dos eventos mais humilhantes para a propaganda nazista de superioridade da raça ariana foram as quatro medalhas de ouro do atleta negro americano Jesse Owens nos 100m, 200m, revezamento 4x100m e no salto em distância nas Olimpíadas de Berlim em 1936. Na ocasião de sua morte, o presidente americano Jimmy Carter em suas condolências oficiais disse: “Talvez nenhum outro atleta em todo o mundo, em todos os tempos, tenha simbolizado melhor a luta humana contra a tirania, a miséria e o racismo”.³⁰

Atualmente estima-se que existam cerca de 17 mil grupos étnicos no mundo, cada um com sua cultura e língua própria, e apenas no Brasil temos 311 etnias. Por meio desses dois fatores, tempo e isolamento, novas etnias foram surgindo de forma orgânica até que chegássemos ao quadro atual. A explicação para tamanha variedade está na centelha criativa de Deus implantada na humanidade por meio da *imago dei*. Em outras palavras, o potencial criativo para novas línguas e culturas está nas pessoas porque elas refletem a natureza e atributos do Deus triúno. Mas o ser humano em seu estado caído olha para a diversidade com desconfiança, estranhamento e como uma ameaça.

O narrador simplesmente retrata aquela dimensão da vida que permeia todos os conflitos humanos: medo de dispersão geográfica, medo da diversidade linguística e étnica, medo das diferentes raças, religiões e costumes. Há algo muito humano, então, nesse retrato de pessoas que, com orgulho e ansiedade, tentam preservar uma unidade primitiva. Entretanto, a intenção de assegurar tal

²⁸ CALVINO, *Genesis*, p. 332.

²⁹ GOUSMETT, *The confusion of language*, p. 49.

³⁰ Acervo do jornal *O Globo*. Rio de Janeiro, 6 de setembro de 2013. Caderno “Mundo”.

unidade no passado colidiu com os propósitos de Deus, que atua para dispersá-los do seu centro.³¹

Babel é o retrato dos seres humanos que encontram conforto e sentido no racismo, preconceito, xenofobia, segregação e senso de superioridade, que justificaram, por exemplo, o *apartheid*, a escravidão dos negros africanos e caricaturaram povos inteiros como terroristas.

Essa liberdade criativa é ao mesmo tempo a grandiosidade e a miséria do homem. Por um lado, isso possibilita aos seres humanos superarem suas limitações no seu ambiente e com esforço cooperativo e engenhosidade tecnológica constroem uma cidade que lhes dá unidade e proteção. Existe segurança para pessoas que são de um tipo, que falam uma só língua, moram num centro e compartilham um só objetivo. Por outro lado, sua vontade de grandiosidade, que reflete sua ansiedade, produz uma assertividade de poder que se coloca no caminho do juízo do Deus, cujo propósito criativo inclui riqueza, variedade e proliferação.³²

7. A DISPERSÃO COMO PRESERVAÇÃO

Jesus disse: “Ide e fazei discípulos”; Deus fala a Adão e a Noé: “enchei a terra”; os descendentes de Adão da linhagem de Sete “andavam com Deus” (Gn 5.24) e Abraão deveria sair da sua terra e da casa de seu pai (Gn 12.1). Mesmo antes da queda Deus disse para o homem deixar pai e mãe ao se unir à sua esposa (Gn 2.24) com a finalidade de encher a terra e espalhar a glória de Deus. Por outro lado, a tendência antimissional brota nos descendentes de Caim, que se recusam a se espalhar e constroem a primeira cidade, justamente como os construtores de Babel. A saída, o deixar, o cruzar fronteiras e oceanos é parte fundamental da missão:

O movimento espacial ou geográfico na narrativa bíblica corre de um lugar para todos os lugares, de um centro para o periférico, de Jerusalém até os confins da terra. Esse também é o movimento divino no seu propósito salvífico a partir de sua presença particular no Templo no meio do seu próprio povo para a vinda do seu reino universal. A igreja encontra sua identidade também dentro do seu movimento geográfico. Espacialmente, então, missão é o movimento contínuo para novos horizontes.³³

A dispersão e o espalhar podem ser sempre dolorosos, mas na Bíblia são preâmbulos para mudanças e bênçãos posteriores. Quando o povo de Israel

³¹ ANDERSON, Unity and diversity, p. 79.

³² Ibid., p. 80.

³³ BAUCKHAM, Richard. *Bible and Mission: Christian witness in a postmodern world*. Grand Rapids: Baker Academic, 2003, p. 14.

“encheu a terra deles” (Ex 1.7) uma perseguição se levantou, ocasionando o Êxodo do povo e sua entrada posterior na terra prometida. A destruição de Jerusalém, o exílio e a dispersão produziram crentes como Daniel e seus amigos, Ester, Neemias e outros que influenciaram profundamente impérios inteiros. Aqueles que estavam na diáspora fizeram muitos prosélitos judeus em todo o mundo através das sinagogas. “Ezequiel frequentemente fala da dispersão dos povos como prelúdio para uma posterior unificação da terra (11.16-21; 12.15; 20.33-38)”.³⁴ A morte de Estêvão e a perseguição contra a igreja fazem com que o evangelho seja pregado aos gentios e samaritanos fora de Jerusalém e da Judeia. Sofonias fala dos adoradores do Senhor dispersos pelo mundo:

Então, darei lábios puros aos povos, para que todos invoquem o nome do SENHOR e o sirvam de comum acordo. Dalém dos rios da Etiópia, os meus adoradores, que constituem a filha da minha *dispersão*, me trarão sacrifícios. Naquele dia, não te envergonharás de nenhuma das tuas obras, com que te rebelaste contra mim; então, tirarei do meio de ti os que exultam na sua soberba, e tu nunca mais te ensoberbecerás no meu santo monte (Sf 3.9-11).

O tema dispersão é proeminente em toda a seção de Gênesis: 1.28; 5.22; 9.19; 10.18; 11.4, 8, 9. A bênção de Deus consiste em ser fecundo, multiplicar e encher a terra (Gn 1.28; 9.1). A concentração de homens violentos, imorais, injustos e ambiciosos num único lugar faria com que a medida da ira do Senhor se acumulasse num curto espaço de tempo. Rapidamente a ameaça se tornaria realidade e a maldade de “todo o desígnio do seu coração” (Gn 6.6), como na época de Noé, traria um juízo, dessa vez não mais pelas águas, mas por fogo.

Quando vemos que a confusão da linguagem (*saphar*) foi o método escolhido para a dispersão, podemos concluir que a bondosa e misericordiosa mão do Senhor estava sobre os construtores. Uma epidemia generalizada com potencial de dizimar toda aquela concentração de pessoas poderia ter sido usada. Invasões e guerras poderiam trazer o projeto de Babel a uma suspensão abrupta. Um desmoronamento da torre poderia causar uma tragédia humana com perda de muitas vidas. A confusão das línguas foi o recurso menos traumático e eficaz na dispersão dos povos. Nesse ponto é difícil afirmar se a confusão consistiu na perda da *língua franca* ou na perda da unidade coesiva no propósito de todos os povos envolvidos.

A ideia dominante, então é a unidade no conselho e propósito. A confusão, portanto, consistiu na quebra dessa unidade em facções contenciosas que não podiam mais permanecer cooperando. Dizer que eles tinham “uma só maneira de falar” [*debarim*] é dizer que eles eram unânimes em seus planos.³⁵

³⁴ ANDERSON, Unity and diversity, p. 78.

³⁵ GOUSMETT, The confusion of language, p. 45.

8. BABEL COMO *PRAEPARATIO MISSIO*

Aqui em Gênesis 11 a dispersão dos construtores da torre acaba sendo uma dádiva divina porque são preservados da fragmentação e autodestruição, sendo também um importante exórdio para o que Deus estava para fazer:

Terá Deus rejeitado as nações para sempre? Essa é a pergunta penosa que nenhum leitor atento do capítulo 11 pode evitar; na verdade, pode-se dizer que nosso narrador pretendeu levantar por meio de todo o plano de sua história primordial exatamente essa questão e propô-la em toda a sua severidade. Somente depois disso o leitor está adequadamente preparado para assimilar a estranha novidade que agora segue o relato inquietante da construção da torre: a eleição e a bênção de Abraão. Estamos aqui, portanto, no ponto em que a história primordial e a história sagrada se interligam e, conseqüentemente, em um dos trechos mais importantes de todo o Antigo Testamento.³⁶

Nessa interseção entre a história da humanidade caída (Gn 3-11) e a história de um novo povo (Gn 12-50), a dispersão tinha um propósito: “em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12.3). A missão de Abraão e seus descendentes era ir atrás de cada uma dessas nações espalhadas e preservadas. O pecado das nações reunidas em Babel é diluído na sua dispersão, dando tempo para que o povo eleito de Deus se torne “uma grande nação” (Gn 12.2) para abençoar as demais nações, ao invés de conquistá-las e subjugar-las como nos projetos de império.

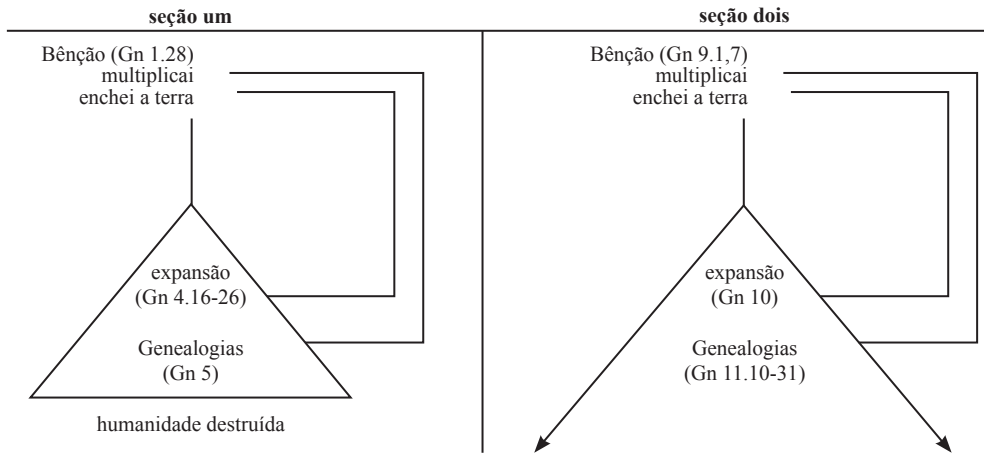
Desde que o propósito das pessoas foi fazer um nome para si mesmas e alcançar poder através da unidade, a apostasia do espírito humano traria num curto espaço de tempo a raça ao ponto de outra catástrofe como o dilúvio. Ao frustrar sua comunicação e dividi-los em nações, fica evidente que é a vontade de Deus, enquanto o pecado está presente no mundo, empregar o nacionalismo na redução do pecado.³⁷

No gráfico a seguir³⁸ podemos ver como o mandato missionário de se multiplicar e encher a terra (Gn 1.28 e 9.1, 7) serve de parâmetro para identificarmos a dupla divisão dentro de Gênesis 1-11. Na seção dois (no gráfico) a humanidade não é destruída porque os povos são espalhados para depois serem alcançados por Abraão.

³⁶ VON RAD, Gerhard. *Genesis: A Commentary*. Philadelphia: Westminster, 1972, p. 153.

³⁷ ROSS, Studies in the Book of Genesis, p. 120.

³⁸ SMITH, Structure and purpose in Genesis 1-11, p. 313.



Ao ligar a narrativa dos descendentes rejeitados de Sem através de Joctã com a narrativa da torre, e ao isolar a linhagem escolhida da linhagem de Sem através de Pelegue num livro separado, o narrador identifica a primeira como estando sob o juízo da Torre de Babel e carente da salvação que virá da segunda através de seu famoso descendente, Abraão.³⁹

Até mesmo o critério usado por Deus para determinar o número de nações na terra segue um parâmetro missional: “Quando o Altíssimo distribuía as heranças às nações, quando separava os filhos dos homens uns dos outros, fixou os limites dos povos, segundo o número dos filhos de Israel” (Dt 32.8).

Não é à toa que o número das nações em Gênesis 10 é setenta. Para cada nação havia um filho de Israel responsável por ela:

E os filhos de José, que lhe nasceram no Egito, eram dois. Todas as pessoas da casa de Jacó, que vieram para o Egito, foram *setenta* (Gn 46.27). Todas as pessoas, pois, que descenderam de Jacó foram *setenta*; José, porém, estava no Egito (Êx 1.5).

A tábua das setenta nações em Gênesis 10 servia como uma lista de oração e intercessão para Israel e a narrativa da torre de Babel como uma grande preparação para as missões que Israel cumpriria ao se tornar uma grande nação (Gn 12.3) e um reino de sacerdotes (Êx 19.5-6).

ABSTRACT

The common interpretation of Gen 11:1-9 that considers the confusion of languages in the tower of Babel account the origin of languages, cultures, and peoples is put under scrutiny. People groups in their diversity were already in existence long before Babel, reflecting the richness of diversity and mul-

³⁹ WALTKE, *Gênesis*, p. 197-198.

tiplicity of the triune God. The unifying project of Babel is halted because it was heading to an opposite direction to the original mandate to humanity to “be fruitful, multiply and fill the earth.” The preservation of cultural diversity and the dilution of human sin in the spread of the people groups serve as the background for the climactic event that connects the first part of Genesis (chap. 1-11) to the rest of the book, the calling of Abraham.

KEYWORDS

Genesis; Babel; People; Languages; Diaspora; Nations; Diversity; Missions.